

DIDÁTICA E O ENSINO DA GEOGRAFIA: CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO DE ENSINO.

Autor (1); RAFAEL Manoel de Souza Silva
Orientador(2); Profº Msc. PAULO César de Oliveira

Universidade de Pernambuco-Campus Mata Norte
Universidade de Pernambuco- Campus Mata Norte
E-mail: rafaelmanoel2011@hotmail.com
E-mail: geografo_paulo@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho é fruto das vivências pelo professor de Geografia, em uma escola na cidade de Passira, agreste pernambucano. Na atualidade é importante renovar a *práxis* pedagógica rompendo com o senso comum e assim contribuindo no processo de um ensino, que busque a autonomia e protagonismo em busca do conhecimento. Mediante essa realidade, o trabalho em curso abordou o método qualitativo, possibilitando uma compreensão didática acerca das aulas de geografia e como cada sujeito responde a nova prática pedagógica, concomitantemente o trabalho foi dividido em duas partes, sendo a primeira prática, buscando da teoria compreender e analisar criticamente, por conseguinte a aula prática, nesta houve uma participação efetiva dos atores envolvidos, de modo que, após vivenciar a teoria, a prática tornara compreensível, aplicável e sobretudo, viva no cotidiano dos alunos. Neste sentido, uma didática que atraia os estudantes para uma prática que transpasse a teoria, que tenha aplicabilidade. Por fim, o trabalho em curso despertou o senso crítico, corroborando na vida dos sujeitos de modo que contribua no dia a dia de cada aluno, as atividades se deram de forma sadia e efetiva, os indivíduos se identificaram com conteúdo abordado em sala de aula, aprendendo e concomitantemente sendo aplicado.

Palavras-chave: Didática. Ensino. Geografia. Prática.

INTRODUÇÃO

O presente estudo, buscando compreender e analisar a importância da didática no ensino de geografia, elucida a necessidade de novas práticas, métodos e exige de nós professores, muito mais que apenas dominar o conteúdo, aliás para Pontuschka (2010) dominar o conteúdo é a primeira condição para que o professor desenvolva bem o seu papel, desta forma, o papel do professor é complexo, além de contribuir com os estudantes na leitura dos espaços geográficos, adentrar na leitura específica de cada aluno, vida dos alunos, é preciso que o professor (re)crie nos métodos que levem os alunos a compreensão dos conteúdos.

ou seja, para o professor do século presente, pontuschka (2010) aconselha que é preciso que os conteúdos geográficos devem ser ensinados com métodos geográficos claros e a serviço do estudante de modo que compreendam esse saber e sabem aplicar, mas é preciso antes de tudo, problematizar e assim contribuir com a construção do conhecimento e para

marechal (1990) apud pontuschka (2010, p. 132), “[...] problematizar os conhecimentos que servem de referência para o saber a ser ensinado. [...] O docente de geografia deve ser capaz de mostrar como esse saber inscreve-se em uma problemática bem definida”, não contentando-se com o que lhes é apresentado, o docente não pode ser uma pessoa que se acostuma com a realidade de desafios, mas aquele que luta para superar tais dificuldades, na certeza que todos estão e estarão ganhando. Aí está o papel da didática para o ensino da geografia.

Outra situação, a forma como os professores lecionam, hoje, a realidade nos é diferente, a escola tem novos olhares, a ciência tem novas contribuições, a academia está aberta aos debates, para Pontuscka (2010, p. 132) “o conhecimento produzido na universidade, fundamentado na pesquisa [...] recriado para transformar-se em saber escolar, ou seja, em saber ensinado”, chamando a comunidade para pensar e repensar o que vem a ser ensinado, o papel da escola.

Mediante essa realidade, o ensino da geografia não pode ser limitado ao ato de decorar, um “fingir” que se ensina e que se aprende. Bases tradicionais não podem ser deixadas de lados, mas também não podem ser instrumentos únicos de conhecimento.

Neste sentido, o trabalho em curso aborda uma experiência vivenciada na aula de geografia, buscando por meio da didática introduzir os alunos nas aulas de geografia, de modo que não sejam aulas cansativas, mas, uma aula que nos convide a novo, que desperte o interesse dos alunos.

METODÓLOGIA

O presente pesquisa usou método qualitativo, pois a mesmo da margem para novas análises, compreensões acerca da presente abordagem. Para Corrobora Gerhadt e Silveira (2009):

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (GERHADT E SILVEIRA 2009, p. 32).

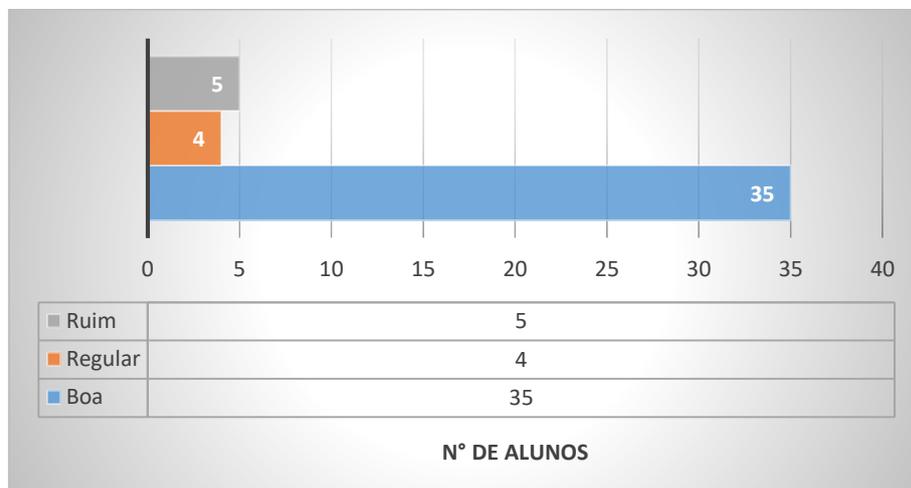
Assim, o presente método possibilita uma descrição, uma análise profunda, de modo que possa identificar com clareza o objeto de pesquisa que é compreender e analisar a importância da didática no ensino de geografia.

O trabalho em curso, se desenvolveu nas aulas de geografia com alunos do sétimo e nono ano, após duas aulas teóricas a turma foi dividida em 5 grupos, onde cada grupo ficou responsável em trazer para a aula prática alguns materiais. Para a atividade prática no sétimo ano foram: Duas garrafas pets, uma porção de areia, brita, argila e um pouco de grama. Já com os alunos do nono ano, foram solicitados uma bola de isopor, tintas, pincel, palito de churrasco e em seguida a divisão, no presente dia da atividade, os alunos estavam em mãos com os materiais solicitados e sob a orientação do professor de geografia, foram executados os passos do trabalho.

As atividades realizadas neste artigo, foram realizadas no período de um mês, pois as mesmas foram a culminância das aulas práticas. Quanto procedimento avaliativo, este, se deu por meio da avaliação escrita, como por exemplo: análises escritas e orações sobre o assunto abordado, seguida da atividade prática, contribuindo para o conjunto de atividades. Vale salientar que, a coleta de dados deu-se através da pergunta única a respeito da aula de geografia depois, foi criado um banco de dados com artigos, livros que abordavam a temática em curso. Mediante esses procedimentos, espera-se uma compressão e aplicação do conhecimento construído.

Mediante as atividades pedagógicas, foram feitas reflexões que despertassem nos alunos o senso crítica e a compreensão do assunto abordado. Por fim, um número de 44 alunos representando o sétimo e nono ano, responderam a seguinte indagação: Na sua opinião, como foi a aula de geografia?

Título: AVALIAÇÃO DOS ALUNOS SOBRE A AULA DE GEOGRAFIA



Fonte: O autor, 2018.

Tais resultados são explicados por meio de Castellar e Vilhena (2010, p.10), quando discorrem afirmando que “cabe destacar a importância do papel da Geografia como disciplina escolar, para reconhecer e compreender o mundo”. Evidenciando assim, a necessidade das aulas de geografia serem diferenciadas como mostra os resultados acima, 35% dos alunos gostaram das atividade, sendo apenas 4% que acharam regular e 5% ruim.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aula de geografia: aprendendo com a prática.

As aulas de geografia não podem na atualidade ficar estagnadas apenas a uma exposição oral, o público na atualidade exige novas posturas, a sala de aula exige um novo desafio. O professor precisa sentir as necessidades da sala de aula e procurar atender de modo que contribua efetivamente para a formação dos sujeitos. Pois, é importante uma formação que se dê através da criticidade, análise, respeito ao meio ambiente e compressão cartográfica.

Portanto, é preciso que o aluno tenha a autonomia de construir seu próprio saber. Simielli, afirma que (1986, p.94), “[...] o aluno constrói ele mesmo o seu saber, retendo apenas uma parte dos conteúdos propostos, integrando-a à sua maneira nos esquemas de pensamento e ação”

Assim, evidência a necessidade das aulas serem contextualizadas, para que o aluno não faça uma compressão parcial do conteúdo abordado em sala de aula, mas, que seja uma compreensão holística, a prática do professor corrobora significativamente no processo de aprendizagem dos alunos.

Neste sentido, Castrogiovanni (2007, p.22) afirma que:

Ensinar exige coragem de ousar em atitudes que valorizem o educando como sujeito repleto de experiências de vida, com curiosidades sobre o mundo em que vive, capacidade criativa e com potencial para despertar um olhar inquieto sobre a vida. Esta coragem está na postura coerente com a prática, na busca de novas metodologias, que não considerem o educando como um mero receptor de verdades absolutas, como um sujeito que cria, que pode transformar e tecer dúvidas.

Haja vista o que o autor reafirma a necessidade de aulas de geografia que tornem os estudantes protagonistas do processo de formação, não é admissível uma formação que não contribua no sentido de o sujeito poder aplicar o conteúdo.

O ator envolvido traz consigo uma história, conhecimento, não existe sujeitos que desprovidos de conhecimento, talvez não tenha ainda um conhecimento acadêmico, formal. Por exemplo, o agricultor rural sabe questões do solo, como plantar e o conhecimento acadêmico fortalece e melhora a ação dos sujeitos, bem como sabe noções de espaço, identificar onde está cada objeto em sua produtividade.

Pontuschka (2010) argumenta que o docente de geografia precisa propor atividades para desenvolver seu raciocínio geográfico. Assim aconteceu nas aulas de geografia, quando os alunos passaram a compreender como se dar a formação do solo, as suas características e camadas e aos alunos do nono ano a compreensão de escala e identificar onde cada continente se encontra.

Figura 1: 9º ano, a prática possibilitando novos caminhos.



Fonte: O autor, 2018.

Fica compreensível a importância da aula de geografia não ficarem no mesmo, não ficarem na repetição. A figura acima demonstra uma parte da construção participativa dos educandos, por meio das aulas de geografia, aulas planejadas, grupos divididos, aulas que não ficaram na teoria de modo que a contribuição na aprendizagem do estudante seja efetiva.

Libâneo (2013, p. 87) corrobora afirmando que:

A condução do processo de ensino requer uma compreensão clara e segura do processo de aprendizagem: em que consiste, como pessoas aprendam, quais as condições externas e internas que o influenciam. Em sentido geral, qualquer atividade humana praticada no ambiente em que vivemos pode levar a uma aprendizagem. Desde que nascemos estamos aprendendo, e continuamos aprendendo a vida toda. [...]

Portanto, antes de tudo, precisa respeitar a bagagem de conhecimento dos sujeitos, seguida de uma compreensão o processo de aprendizagem e não obstante, identificar como as condições externas e internas que influenciam na aprendizagem. Partindo dessa percepção o professor entenderá a importância desses elementos até a realização das aulas práticas.

Figura 2: Aprendendo a fazer



Fonte: O autor, 2018.

Nesta segunda atividade realizada com os alunos do sétimo ano, cada aluno ficou empolgado a querer aprender, compreender aquela atividade que até lhe era nova. E assim se deu a aula, cada grupo realizando sua atividade ‘colocando a mão na massa’, desta forma é possível torna-los autores e produtores do conhecimento. Garrido (2001), afirma que:

A sala de aula pode ser esse espaço formador para o aluno. Espaço em que ele aprende a pensar, elaborar e expressar melhor suas idéias e a ressignificar suas concepções, ao ser introduzido no universo dos saberes teoricamente elaborados e nos procedimentos científicos de análise, interpretação e transformação da realidade. (GARRIDO, 2001, p. 125).

Neste parâmetro, a aula prática contribui para a formação dos alunos, as aulas são espaços que, bem vivenciados, torna-se um espaço de uma aprendizagem eficaz, capaz de despertar nos sujeitos, novas ideias, pensar criticamente, tais questões não podem acontecer de forma isolada, uma ilha. O conhecimento não é uma ilha, a escola não é uma ilha, a aprendizagem não é uma ilha.

CONCLUSÃO

O trabalho em curso, objetivando compreender e analisar a importância da didática no ensino de geografia evidencia a necessidade das aulas de geografia romperem os paradigmas existentes de aulas monótonas, buscando ser aulas que tragam os alunos para uma construção de autonomia. Chamlian (2001, p. 88) afirma que “a sala de aula é lugar privilegiado da prática docente, desenvolve-se uma relação de natureza pedagógica que envolve fundamentalmente a transmissão de saberes, mediante interações de caráter intelectual e efetivo”.

Neste sentido, as aulas de geografia com duas dimensões, sendo elas teóricas e práticas, com plano de aula, organizada. Uma prática diferenciada corrobora para uma aprendizagem firme e coerente. Assim, o que até então era hipótese, confirmou-se por de uma compreensão e entendimento da importância da didática para o ensino de geografia. Nós, professores, temos esse compromisso com os educandos, críticos, que saibam fazer análises. Para morin (2002, p.38) “para que um conhecimento seja pertinente, a educação deverá então tornar evidentes: o contexto, o global, o multidimensional e o complexo”

castelhar e vilhena (2010) reforçam que a aprendizagem significativa é a oposição a uma didática repetitiva, com um método de ensino que sucede práticas viciadas em memorização relacionadas às atividades de repetição que visam apenas a captação de informações, neste sentido alguns caminhos são importantes para que as aulas de geografia sejam mais interessante, a começar pelo planejamento e conhecimento do assunto abordado, a didática aplicada ao assunto em reflexão, corrobora para o professor construir junto com os sujeitos melhor o conteúdo.

REFERÊNCIAS

CASTROGIOVANNI, A.C. **Ensino de Geografia:** caminhos e encantos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CHAMLIAN, H. C. Sala de aula: Espaço de Construção do Conhecimento para o Aluno e de Pesquisa e Desenvolvimento Profissional para o Professor. In: CASTRO, A. de D.; CARVALHO, A. M. de P (Org.). **Ensinar a Ensinar:** didática para a Escola Fundamental e Média. São Paulo: Cengage Learning, 2001.

CASTELLAR, S. e VILHENA, J. **Ensino de Geografia.** São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GARRIDO, E. Sala de aula: Espaço de Construção do Conhecimento para o Aluno e de Pesquisa e Desenvolvimento Profissional para o Professor. In: CASTRO, A. de D.; CARVALHO, A. M. de P.(Org.) **Ensinar a Ensinar:** didática para a Escola Fundamental e Média. São Paulo: Cengage Learning, 2001.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil-UAB/UFRGS e pelo curso de Graduação Tecnológica- Planejamento e Gestão para o desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Lisboa; Instituto Piaget, Brasília, DF: UNESCO, 2002. LIBÃNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SIMIELLI, M. E. R. **O mapa como meio de Comunicação**: implicações no ensino de Geografia do 1º Grau. 1986. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras E Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo,

PONTUSCHKA, N. N. A geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, A. F. A. (Org.) **Novos caminhos para a Geografia**. 5. Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.